

# A PEDAGOGIA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

Vilma Ribeiro de Almeida<sup>1</sup>

Pôster

GT Diálogos Abertos sobre Educação Básica

## Resumo:

Este texto é um estudo bibliográfico acerca da pedagogia do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra - MST, com o objetivo de compreender o entendimento que o referido Movimento tem do processo educativo. Foi possível perceber que nos primórdios da luta do MST pelo direito à educação formal havia uma preocupação em construir uma escola voltada para o movimento alcançar seus objetivos, mas, posteriormente, chegaram a conclusão que isto não era o fundamental. E que não existe um modelo de escola para este ou aquele grupo, mas o que tem que ser transformado é a postura dos educadores e conseqüentemente modificado o jeito de ser da escola como um todo. Trata-se de cultivar uma disposição, uma sensibilidade, para colocar no centro as pessoas, possibilitando que elas aprendam a ser ao participar do processo educativo. Então, para mudar a escola, o MST decide articular e organizar uma proposta pedagógica para educação formal para romper com o formalismo excludente das escolas públicas. Uma escola que ajude efetivamente no processo formativo das famílias Sem Terra, sem esquecer de tantos outros trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade. O que está no centro da preocupação pedagógica é a construção de um saber-ser que leve a produção de novas relações humanas e novas relações de produção no campo e na cidade, a partir da luta pelo direito reforma agrária e à educação formal em escolas públicas. A educação para o MST tem uma dimensão ontológica, isto é, deve estar preocupada em levar os educandos e os educadores a pensarem e repensarem continuamente as suas identidades.

**Palavras chaves:** Movimentos Sociais, Educação e MST.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia, com especialização em Gestão Escolar; especialista em Direitos Humanos, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. [vilminharibeiro@hotmail.com](mailto:vilminharibeiro@hotmail.com)

A abordagem da Pedagogia do MST deve ser feita a partir de sua obra educativa que está baseada em dois objetivos centrais: o primeiro, desenvolver a consciência crítica dos membros do movimento, por meio de metodologias e conteúdos que leve à reflexão e construção de uma visão de mundo ampliada e diferenciada daquela proclamada pela história oficial, a partir da busca de um significado da luta pela conquista da terra e conseqüentemente da reforma agrária; o outro, articular atividades que visam contribuir com o desenvolvimento cognitivo e técnico, levando os alunos a assumirem experiências de trabalho produtivo com a terra. (V. V. A. A. [199?], p. 27-31). E que ao trabalhar a terra, trabalhem a si mesmos.

De acordo com CALDART (2003), o MST, ao longo de sua história, tem procurado fazer uma verdadeira ocupação da escola, mobilizando as famílias para a conquista do direito à educação escolar e estando na escola fazer a diferença na educação. Neste sentido as primeiras a se preocuparem foram às mães e as professoras; depois foi à vez dos pais e de algumas lideranças do Movimento. O interessante é que aos poucos as crianças – chamadas de Sem Terrinha - também começaram a se mobilizar. É importante frisar que para o MST ocupar e conquistar a escola não significa necessariamente estudar tão somente nas escolas públicas oficiais já existentes na região onde há acampamentos e assentamentos, mas ter o direito de, em parceria com o poder público, construir escolas públicas que possam contemplar a proposta educativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Diante deste desafio, o MST passa a incorporar na sua dinâmica a escola como uma de suas bandeiras de luta. As famílias Sem Terra passaram a assumir a escola em sua vida diária, com maior ou menor intensidade com significados diversos, de acordo com os próprios objetivos do grupo, mas de forma já consolidada, como uma marca cultural: acampamento e assentamento dos Sem Terra do MST têm que ter escola.

Para tanto, o MST assume a tarefa de organizar e articular dentro de sua organização uma proposta pedagógica específica para as suas escolas, as quais haviam conquistado, e ao mesmo tempo formar educadoras e educadores que, imbuídos desta proposta, pudessem responder aos desafios advindos destas escolas. Para isso, o MST cria o Setor Educação, em 1987, e aos poucos o conceito de escola foi sendo ampliado. No início, a luta era por escolas de 1ª a 4ª série; hoje, se estende da educação infantil até a universidade, sem esquecer da atenção à alfabetização de jovens e adultos.

CALDART (2003) enfoca que a escola além de sua forma educativa e cultural passou a ter também uma conotação política, ela parte da estratégia de luta pela Reforma Agrária, mas integrada com as demais preocupações do Movimento e com enfoque centrado na

formação de seus sujeitos. Por isso, deve ser uma escola que forme pessoas críticas e protagonistas de sua história.

Para CALDART (2003), quando os Sem Terra começaram a lutar por escola, parecia ser mais uma luta por direitos sociais. Aos poucos foram percebendo que não se tratava de algo tão simples assim, e que era mais complexo. Primeiro perceberam, que não eram os únicos que não tinham esse direito, mas que outras famílias tanto da cidade quanto do campo não tinham acesso a esse direito fundamental para a sua vida. Em segundo lugar, perceberam que só teriam esse direito se lutassem por ele. E além de conquistar a escola teriam que transformá-la. Foram descobrindo que a metodologia da escola tradicional é excludente e que os sujeitos como os sem-terra, não costumavam ter lugar nestas escolas, isso devido a sua estrutura formal e também a sua pedagogia que acaba desrespeitando ou desconhecendo a realidade e conseqüentemente os seus saberes, a sua forma de aprender e ensinar.

Sabendo da importância de conquistar o direito à educação formal, o MST empreendeu a uma experiência muito interessante e significativa que foi a Escola Itinerante.

No Rio Grande do Sul temos aprovado desde novembro de 1996 a chamada Escola Itinerante dos Acampamentos, com um tipo de estrutura e proposta pedagógica criada especialmente para acolher as crianças e os adolescentes do povo Sem Terra em movimento. Temos agora, mas foi preciso uma luta de 17 anos (isto mesmo!) para conseguir o que seria o mais 'normal', porque justo, e que até já se tornou direito constitucional é a escola que deve ajustar-se, em sua forma e conteúdo, aos sujeitos que dela necessitam; é a escola que deve ir ao encontro dos educandos, e não o contrário (CALDART, 2003, p. 63).

Esta experiência de escola itinerante tem ampliado cada vez mais as discussões sobre a escola dentro do MST, com o destaque para a preocupação de construir uma escola que ajude efetivamente no processo formativo das famílias Sem Terra, sem esquecer de tantos outros trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade.

No desenvolvimento da Escola Itinerante, a pergunta que norteava as discussões era: que escola, ou que modelo pedagógico, combina com o jeito dos Sem Terra e pode ajudá-los a atingir seus objetivos? Aos poucos perceberam que esta não era a questão fundamental. E que não existe um modelo de escola para este ou aquele grupo, mas o que tem que ser transformado é a postura dos educadores e conseqüentemente modificado o jeito de ser da escola como um todo. Trata-se de cultivar uma disposição, uma sensibilidade, para colocar no centro as pessoas, possibilitando que elas aprendam a ser ao participar do processo educativo.

## **A Escola do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.**

De acordo com os princípios expressos pelo Coletivo de Educação, a escola do MST é uma Escola do Campo, e não uma escola no campo. Ela é vinculada a um movimento social de luta pela Reforma Agrária no Brasil. É uma escola pública, que tem como ponto fundamental a inclusão e a participação da comunidade. A sua gestão é orientada pela pedagogia do Movimento, que em sua especificidade não tem uma única pedagogia, mas várias pedagogias como: pedagogia da luta social; pedagogia da organização coletiva; pedagogia da terra; pedagogia do trabalho e da produção; pedagogia da cultura; pedagogia da escolha; pedagogia da história e a pedagogia da alternância.

Segundo CALDART, (2000) a escola do MST é aquela que se faz lugar do movimento destas pedagogias, articulando atividades pedagógicas que levem em conta o conjunto das dimensões de formação humana. É uma escola que tem como princípio humanizar quem faz parte dela. Isso só é possível porque tem o ser humano como centro, como sujeito de direitos, como ser em construção, respeitando o tempo de cada um. É uma escola preocupada com a formação humana e com o movimento dialético da história.

Ao empreender essa tarefa educativa de humanização leva em conta os ciclos da vida humana. Os educandos da Escola do MST são crianças, adolescentes e jovens que já têm a sua temporalidade própria – específica e ao mesmo tempo são do campo e trazem consigo os saberes próprios do campo e ainda são do MST, estas pessoas trazem como herança a identidade Sem Terra, claro que ainda em formação, mas que não pode ser deixada de lado.

Ao misturar a escola com a dinâmica da luta pela terra ela se transforma em processo e ajuda aos Sem Terra a se transformar também, fazendo com que estes mudem o olhar sobre si mesmo, sobre o MST, prestando atenção às novas dimensões de sua identidade. Por isso, a escola é o lugar em que o estudo tem uma dimensão ontológica, isto é, de produção de novos homens e mulheres. Estudar é mais do que estar na escola recebendo conteúdos. Estudar é momento de pensar a condição humana no mundo e na história.

Então, os educadores ensinam os alunos a relacionar teoria e prática, articulando o que se aprende com o cotidiano vivido nos acampamento e nos assentamentos e ou em outros espaços e atividades que tomam parte. A intencionalidade não é apenas construir “saber”, mas acima de tudo um “saber-ser” que leva um novo e diferente jeito de fazer. Assim, buscam uma afirmação do ser gente e não apenas sabedores de conteúdos, ou ainda dominadores de competências e habilidades técnicas.

Eles precisam aprender a falar, a ler, a calcular, confrontar, dialogar, debater, duvidar, sentir, analisar, relacionar, celebrar, saber articular o pensamento próprio, o sentimento próprio,... e fazer tudo isso sintonizado com o projeto histórico do MST, que é um projeto de sociedade e de humanidade (V. V. A. A., 1999, p. 11).

Portanto, o projeto de educativo do MST procura gerar uma escola que não fique embotada, mas que saia de si mesma, e procure conhecer, valorizar e se articular com práticas educativas transformadoras que acontecem fora dela.

Concluindo, a escola para o MST, não sendo fechada sobre si mesma, é um ponto de partida para a construção de novas relações humanas e novas relações de produção no campo e na cidade.

## REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Escola do campo em movimento**. Currículo Sem Fronteiras, v. 3, n. 1 jan/jun. 2003. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org>> Acesso em 17 mar. 2004.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: acompanhamento às escolas**. 3ª ed. São Paulo, SP: Editora Peres. Boletim nº 08 nov. 2002.

V. V. A. A. **Como fazemos a escola de educação fundamental**. Caderno de Educação n. 9. São Paulo, SP: MST, 1999.

V. V. A. A. **Crianças em movimento: as mobilizações infantis no MST**. São Paulo, SP: Gráfica e Editora Peres. [199?].